

*Luís
Lobo*

**O que faz do acontecimento
a “notícia”?**
— notas para uma teoria
da produção de “notícias”

1. Introdução

À primeira vista a interrogação «o que é a notícia?» parece apontar respostas tão evidentes como de pouca valia. E todavia a valorização incluída no relato de uns acontecimentos com prejuízo ou omissão de outros implica desde logo que a investigação se detenha no exame do «valor-notícia» com a profundidade que a evidência aparente oculta.

Quando se pede aos jornalistas profissionais que definam «notícia», na generalidade eles reiteram um «cliché» do tipo «um cão morder um homem não é notícia, mas um homem morder um cão é»; ou fornecem uma racionalização da sua actividade, como por exemplo, «notícia é o que é impresso» ou «a notícia está no olho do leitor». Não raro enunciam um brocardo querido ao folclore profissional, referindo que «embora ‘notícia’ seja impossível de definir, há quem tenha nascido com um faro especial para dar com elas». Por vezes alguns jornalistas vão mais além e dão o que mais se assemelha a uma definição articulada, tal como «o valor-notícia é a soma daquilo que se supõe ser válido numa peça de informação destinada a uma audiência».

Parece claro que tudo o que acima fica, apenas significa que para o jornal prosperar deve vender tantos exemplares quantos possa e que o material impresso está largamente dependente daquilo que os leitores se dispuserem a pagar por ele. Torna-se óbvio que a relação de um jornal com os seus leitores numa situação

de maximalização de lucros é crucial, mas a relevância deste facto tem levado a uma quase exclusiva concentração dos estudos sobre o mercado consumidor.

Assim, tanto as racionalizações dos jornalistas sobre a sua actividade como as definições dos estudiosos, parecem resolver-se numa tautologia apresentada como insolúvel ou inevitável: «notícia é a notícia que seja notícia».

O propósito da presente nota é procurar um critério definidor, descortinando um elenco de factores que vençam esta circularidade.

2. O conceito: O acontecimento-como-notícia e a notícia-como-acontecimento

2.1 — *A «notícia» é simultâneamente um relato seleccionado de acontecimentos passados e um factor constituinte da configuração de acontecimentos futuros.*

Passemos à análise da definição proposta, tendo em conta que ela nos parece um importante critério para determinar o carácter dos meios de massa, em especial da imprensa e da televisão, no que se refere à produção dos relatos noticiosos. Ela resulta, além disso, do estudo de um caso¹ onde os vários investigadores tiveram a oportunidade de amplamente confirmar o seu acerto e adequação. Para início da nossa exposição servimo-nos de noções insertas no livro de Daniel BOORSTIN, «The Image». Ainda que escrito em termos muito gerais, fornece-nos úteis perspectivas para uma elaboração conceptual como a presente.

Segundo BOORSTIN, a liberdade dos meios noticiosos implica não apenas a susceptibilidade de passivamente reportar os acontecimentos, mas também de activamente dar existência a factos novos, pois se pedem respostas dentro dos próprios limites das perguntas levantadas. Por outras palavras, os «media» podem criar a notícia que não se baseia no acontecimento em si mas naqueles aspectos dele aos quais foi assinalada uma especial relevância. Com propriedade, a isto podemos chamar «o acontecimento-como-notícia». Para este relato seleccionado se parte mais com a questão «é notícia?» que com a pergunta «é real?», ainda segundo BOORSTIN. Deste modo, a base sobre a qual a reportagem se vai operar («é notícia?») origina uma contradição entre a realidade subjacente da situação e o acontecimento tal como é reportado. Tudo isto se resolve recorrendo à auto-effectivação da profecia: ou seja, o acontecimento ganha realidade pela circunstância de ser relatado e tanto quanto as consequências futuras surjam

¹ James D. HALLORAN, Philip ELLIOT and Graham MURDOCH, *Demonstrations and Communication. A Case Study*, Londres, Penguin Special, 1970.

já desse mesmo relato que no momento conforma a realidade original de acordo com os significados que lhe são ditados pela «notícia» — neste caso «notícia-como-acontecimento».

Duas ideias particulares decorrem desta proposição:

- a) A definição de acontecimento-como-notícia, ou seja o «valor-notícia», é estabelecida por aqueles jornais que primeiro «agarraram» a história;
- b) O acontecimento é descrito e analisado segundo «ângulos» desenvolvidos nas reportagens anteriores ao próprio acontecimento.

2.2. O Prof. Johan GALTUNG², como resultado dos seus trabalhos, traçou um inventário exaustivo dos factores que, segundo ele, formam a estrutura do relato noticioso nos meios de comunicação de massa. Os factores discriminados incluem a ausência de ambiguidade, a clareza, a actualidade, a intensidade ou força de impacto, a significatividade (ligação ao interesse pessoal ou do grupo), equilíbrio na composição, o raro e imprevisível, continuidade e consonância, negativismo, referência a pessoas e a estados de elite.

Em função do escopo principal da presente nota, assume particular relevo o factor designado por *consonância*. A ideia que a ele preside é a de que «os acontecimentos serão seleccionados para notícia nos termos do seu ajustamento ou consonância com imagens pré-existentes — a notícia do acontecimento irá confirmar ideias anteriores». Assim quanto mais obscuro for o objecto a noticiar e quanto mais incerto ou dubitativo estiver o jornalista àcerca do modo como construirá o relato, tanto mais o acontecimento tenderá a ser reportado dentro de um enquadramento geral que já tenha sido estabelecido.

Num seminário recentemente efectuado, GALTUNG deu como exemplo o modo como a televisão norueguesa tinha coberto a invasão russa da Checoslováquia. «Toda a reportagem se processou sob a imagem da Hungria. Ou por outras palavras: as coisas que se ajustavam à imagem húngara foram relatadas» — e acrescenta: «Não há acusação da minha parte de que isto se processou a um nível deliberado, consciente. O que eu quero dizer é que havia um enquadramento subjacente que vos fazia ver as coisas na Checoslováquia que eram similares ao caso húngaro e não vos mostrava o que era diferente»³.

Assim, verifica-se que, segundo Johan GALTUNG, o objectivo primário do jornal é prover o leitor com um enquadramento (como

² Johan GALTUNG, «The Role of Television in Times of International Crisis».

³ Ob. cit.

o atrás apontado em relação à televisão) dentro do qual os acontecimentos podem ser facilmente interpretados. De certo modo, poder-se-ia dizer que, em consequência disso e na medida em que as notícias seguem definições já estabelecidas, todas as «novas» são de facto «velhas».

Todavia, observa-se, para reter o interesse do leitor a reportagem deve conter alguns elementos de novidade («notícia») e assim, dentro dos limites das definições que precederam a situação, a atenção será dirigida para aspectos atípicos, que então se tornam os principais «ângulos» em torno dos quais a reportagem cristaliza. Eis porque os factores estruturais apontados por GALTUNG, que referem pessoas ou estados de elite, a personificação ou personalização e o negativismo, constituem partes integrantes no relato das notícias nos meios de massa. Com efeito, não só as pessoas e as nações do topo são «notícia», como também os acontecimentos negativos são preferidos aos acontecimentos positivos. A concentração nestes «ângulos», possibilita dar ao leitor imagens simples e sem ambiguidades, dar-lhe a possibilidade de empatia com / ou projectar-se para / um grupo ou personalidades identificáveis. Constituem portanto uma óptima combinação do ênfase da notícia com um enquadramento familiar, satisfazendo a exigência do leitor de interesses e significações claras.

Acrescentemos ainda que a escolha destes «valores-notícia» é reforçada pelo facto de se adequarem idealmente à situação de um jornalista num jornal diário. Pois é certo que as observações acerca de indivíduos, particularmente nos seus aspectos negativos, são mais rapidamente reportadas e explicadas com maior facilidade que a estrutura total do acontecimento.

3. O desenvolvimento dos «ângulos» noticiosos

3.1 Foi sugerido atrás que os acontecimentos tenderiam a ser descritos dentro de enquadramentos e nos termos dos «valores-notícia» estabelecidos durante períodos precedentes ao acontecimento. No estudo já citado⁴, os autores analisam o que «poderia ser caracterizado como uma enorme e pacífica marcha contra a política dos Estados Unidos no Vietnam, da qual uma minoria se separou para se manifestar em frente à embaixada, em Grosvenor Square; que desta minoria só um pequeno grupo tentou vencer os cordões da polícia». E todavia, os meios de informação devotaram os maiores espaços e deram o mais significativo relevo aos incidentes em Grosvenor Square. Como explicá-lo?

«As reportagens anteriores ao acontecimento tinham definido a Manifestação de 27 de Outubro como uma potencial confronta-

⁴ *Demonstrations and Communication*, op. cit.

ção entre as forças da ordem e da lei, por um lado, e as forças da anarquia e subversão, por outro lado, havendo grandes probabilidades de ataques a edifícios públicos por parte dos manifestantes que se envolveriam em lutas com a polícia»⁵. Assim, o ângulo da violência sugerido, duas semanas antes, pelo «Times»⁶ foi sucessivamente desenvolvido e suscitado nos outros jornais, criando a definição do acontecimento do dia 27 de Outubro como notícia. «Quando a definição do acontecimento-como-notícia era contraditada pelo facto de que a maioria dos participantes marchava pacificamente para um encontro em Hyde Park, a discrepância resultante era resolvida enfatizando aqueles incidentes que confirmavam a definição, arredando os que a ela se opunham»⁷. Notemos ainda que, com excepção do «Star» e do «Guardian», as pretensões e os objectivos dos manifestantes não tiveram praticamente cobertura. Quando interrogados acerca disto, os repórteres replicaram significativamente que o ponto de vista expresso pelos organizadores não era «notícia». «Qualquer coisa que fosse para além de uma breve menção do horário e rota planeados para a Marcha teria exigido aos jornais uma definição da situação que contrariaria completamente a sua imagem do acontecimento-como-notícia»⁸. Consequentemente, a fim de preservar o enquadramento do qual o desenvolvimento da cobertura dependia, qualquer consideração desse tipo tinha que ser rejeitada.

3.2. Por outro lado, no lançamento do ângulo da «violência» sugerido na história com que o «Times» duas semanas antes abriu este contencioso, foi decisivo o enquadramento anterior definido pelo relato dos acontecimentos em Paris, Berlim e Chicago desse ano de 1968. Com efeito, o grau em que a reportagem de um acontecimento pode ser compreensiva depende largamente da medida em que o contexto geral dirige a atenção para certos aspectos particulares, negligenciando outros. Justamente por essa razão, na sua história, o «Times» citava testemunhos de autoridades segundo os quais se acreditava que a manifestação seria «potencialmente tão violenta como as manifestações dos estudantes em Paris e Berlim» — comparação que fornecia uma imagem simples e dramática do acontecimento como confronto violento entre a polícia e os demonstrantes. Dias depois, este «ângulo» ou «valor-notícia» foi carregado pelo «Guardian» com uma referência explícita aos embates violentos entre a polícia e os manifestantes na Convenção do Partido Democrático (Chicago), sustentando a hipótese de alguns extremistas transformarem Grosvenor Square em qualquer coisa de parecido com o ocorrido em Chicago. É claro que se poderia

⁵ *Ibidem.*

⁶ *Ibidem.*

⁷ *Ibidem.*

⁸ *Ibidem.*

dizer — com os autores do estudo em causa — que o contexto relevante não era o da violência em Paris ou em Chicago, mas no Vietnam. Mas a «moldura» definidora estabelecera-se segundo aqueles valores e tudo o que no dia da manifestação não lhe pôde ser assimilado ou interpretado no sentido da profecia feita, foi ou ignorado, ou pouco referido, ou contrapontado.

4. O desenvolvimento de uma estrutura inferencial

4.1. As sucessivas análises dos conteúdos sinteticamente reunidos no conceito de «notícia» tal como inicialmente o apresentámos, conduzem-nos agora a referir um outro instrumento teórico de grande utilidade em investigações futuras àcerca da produção de notícias nos meios de massa. Trata-se do desenvolvimento daquilo que certos autores⁹ designaram por *estrutura inferencial*.

O desenvolvimento de uma estrutura inferencial é um processo de simplificação e interpretação que estrutura o significado dado a determinada história, de acordo com o seu valor inicial como notícia. Não se trata portanto do desenvolvimento intencional de uma inclinação pró ou contra determinado evento. A história interpretada e simplificada toma o seu lugar como parte da informação àcerca de acontecimentos na sociedade, sendo tudo interpretado através do mesmo processo de comunicação, isto é, segundo o valor-notícia originariamente estabelecido. Este processo é visível como efeito final das sucessivas reduções do relato noticioso operadas de acordo com o desenvolvimento de certos temas básicos. De certo modo o desenvolvimento da estrutura inferencial é o olhar inicialmente lançado sobre o acontecimento que prevalece pela exclusão de outras interpretações que, embora pudessem ser igualmente sustentadas com provas, se consideram menos relevantes. É um processo cumulativo de selecção e simplificação com o intuito, muitas vezes inconsciente, de sublinhar um aspecto com prejuízo dos restantes. Levanta problemas importantes àcerca do modo como a apresentação das notícias estrutura a nossa consciência genérica relativamente aos acontecimentos sociais.

No estudo do caso citado¹⁰, a estrutura inferencial desenhou um quadro desfavorável aos objectivos dos manifestantes, produto das três formas tomadas por aquela: a marcha principal foi reportada contra uma corrente subterrânea de expectativas não realizadas; os incidentes não presenciados e os actos simbólicos foram relatados como actuações quase-violentas; a manifestação em

⁹ *Ibidem*, citação feita de K. LANG and G. LANG, «Inferential structure of political communication», *Public Opinion Quarterly*, Summer 1955.

¹⁰ Ob. cit.

Grosvenor Square (frente à embaixada dos E.U.A.) foi gradualmente reinterpretada nos boletins da televisão até que se verificassem completas as esperanças de um confronto violento. Em resumo: a história foi simplificada e dramatizada pela introdução das qualificações contidas nas coberturas anteriores e por, gradualmente, se afirmar que todos os manifestantes em Grosvenor Square tinham estado envolvidos em violência intencional¹¹.

4.2. Mencionemos ainda um problema que nos parece estar intimamente relacionado com o desenvolvimento de estruturas inferenciais. Referimo-nos ao repórter, à sua situação como responsável pela «extracção» de notícias dos acontecimentos.

Sendo a primeira fonte de informação no seio da organização, obviamente o modo como ele percebe o evento é um factor importante na fixação da natureza da notícia. Todavia ele não opera no vácuo; tomá parte num processo que se iniciou desde o período inicial no ofício, onde aprendeu uma série de credos aceites, tais como: o que faz com que um acontecimento valha a pena ser reportado como notícia, que espaço se lhe deve reservar, qual o modo como deve ser apresentado. Estes ensinamentos «práticos» são assimilados quase inconscientemente, assentando sobretudo numa extensa base intuitiva que, através dos erros próprios e dos juízos dos outros jornalistas, nele se estrutura e sedimenta. Assim, na prática da reportagem, as suas percepções são influenciadas por factores objectivos derivados da dimensão e estrutura da organização noticiosa e pela imagem que detém do seu papel dentro dela.

Eis porque o repórter leva para o campo da reportagem toda uma série de expectativas e juízos prévios que largamente vão estruturar (inferencialmente), não apenas aquilo que vê, mas o como reporta aquilo que viu.

Eduardo
de
Freitas *

Algumas notas sobre a “teoria das elites”

1. É nossa intenção nas presentes notas, meramente indicativas de um ou outro dos traços definidores mais importantes de

¹¹ *Ibidem.*

* O Autor elaborou as presentes Notas, no quadro dos seus trabalhos como membro do Grupo de Bolseiros de Sociologia da Fundação Calouste Gulbenkian, anexo ao Gabinete de Investigações Sociais.